

queer

especial literatura e resistência



Queer

ESPECIAL LITERATURA E RESISTÊNCIA



selo gueto editorial

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **revista gueto, 2017**

Edson Amaro | Marina Rabelo | Leandro Rodrigues | Sonia Nabarrete | Carlos Eduardo Marcos Bonfá
| Renata de Castro | Diogo Luiz Yamanishi | Dimitri Brandi de Abreu | Pedro Augusto Peregrino |
Ithalo Furtado | Jerome Knoxville | Claudio Parreira | Marcos Samuel Costa | Geraldo Lima

Especial Queer

Selo Gueto Editorial ® 2017

Organização, edição e projeto gráfico

Jerome Knoxville

Organização, edição e revisão

Amanda Sorrentino

Contatos

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| editorgueto@gmail.com |

Licença

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

Dionysian Cult Cycle (?), Villa of Mysteries, before 79 C.E., fresco, Pompeii

Sumário

poesia

Marina Rabelo | 6
Edson Amaro | 10
Sonia Nabarrete | 12
Diogo Luiz Yamanishi | 14
Carlos Eduardo Marcos Bonfá | 17
Renata de Castro | 19
Leandro Rodrigues | 21

conto

Pedro Augusto Peregrino | 24
Ithalo Furtado | 27
Jerome Knoxville | 29
Claudio Parreira | 33
Dimitri Brandi de Abreu | 35
Marcos Samuel Costa | 40
Geraldo Lima | 43

poesia
0

Marina Rabelo | Formada em Engenharia Química pela UFRN. Autora do livro de poesia *das coisas que larguei na calçada* (Caravela Selo Cultural, 2016). Colaboradora das peças *Memórias do Alecrim* (Natal-RN, 2015) e de *João ou Eu só queria ver os pássaros* (Natal-RN, 2016). Poeta, dramaturga e colecionadora de silêncios.

três poemas

1.

A vida parece só fazer sentido
Depois que a gente trepa
Depois da primeira foda
Primeira lambida de cu
Mão no peito Mão no medo
No pau Na desilusão
O gozo escorregadio que diz
Há vida aqui

A vida só faz sentido
Depois que a gente
Vira puta Vira pinta
Viado Lésbica Travesti
Poeta Bailarino Atriz
Quando a gente descobre
Só ser
Quando a gente aprende
Ser só

Quando tudo é um nó
Preso na garganta
O homem na rua que ri
E pergunta o preço do boquete
No beco Na lama
Quando nada é amor
Você precisa sair de casa
Com uma faca no bolso
O dinheiro da cerveja
E a passagem do *busão*

Quando você tropeça por tantos
Chãos Por tantos Nãos
Colecionando fúrias
A vida é crua

Meu preço é resistir

2.

Para Dandara

Moço, aqui é o céu?
Já não sinto meus pés
No chão.

Meus olhos latejam,
Lacrimenam,
Abrir dói.
Me abrir para o mundo
Sempre foi um risco de dor.

Me chamaram de puta, bicha
Viado, demônia, macumbeira.
Me gritaram de traça, troço,
Mundiça, ladra, caloteira.

Fui um bicho desfigurado.
Não tive forças,
Nem voz para falar mais alto.
Até porque o mundo
Parece cego, surdo e mudo.
Abrir os olhos dói?

Suba! Suba! Suba!
Será que aqui é o céu?

Meu nome é feito
De sangue. De margem,
De abismo.

Estou morta e viva
Dentro de poucos.

3.

Antes de dormir
Acaricio meus pelos
Pubianos
Abro os lábios
Umedeço os dedos

E conto a Deus
Todos os segredos

Ele goza
De rir

Edson Amaro | Publicou pela Editora Fragmentos seu livro de poesia *Ouro Preto e Outras Viagens* e pela Editora Buriti sua tradução do romance *Valperga*, de Mary Shelley. No site Amazon, publicou em versão e-book sua tradução de *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, de Maquiavel.

madame satã

Para o bloco carnavalesco Planta na Mente

Vi Madame Satã no carnaval
Dançando sem camisa. Que deleite
O umbigo apetitoso, cor de azeite
De dendê esse corpo escultural!

Lábios rubros, bigode fino, qual
Folião que seus beijos não aceite?
Qual cavalo em que um santo bem se ajeite
Girava e se torcia em espiral.

Sambou da Lapa à Praça Tiradentes,
A pele encharcando de suor,
A saia abanando as coxas quentes...

As cinzas dessa Quarta já desfeitas
Das lembranças me restas a melhor,
Travesti que meu bloco bem deleitas...

Sonia Nabarrete | Paulista de São Caetano do Sul, é jornalista. Participou das antologias de contos: *A arte de enganar o Google*; *Quem conta um conto*; *Um circo de percalços falsos – Guia para a Bibliotecária das Galáxias*; *O outro lado da notícia*; e, por três vezes, da coletânea do Concurso de Microcontos do Salão Internacional de Humor de Piracicaba. Participou também de *Bad Girls* (contos) e *Erosário* (poesias), ambos de conteúdo erótico, lançados em Portugal, e da antologia poética *Hiperconexões – realidade expandida, volume 3*. Ao lado de Vanessa Farias, organizou a antologia de contos *Primeiramente*. Publicou contos nas revistas *Vacatussa* e *Sexus*. É autora da novela *Eretos*.

ode à siririca

No ritmo, tempo e intensidade desejados
É o gozo garantido, com direito
A ohs, uis e ais sussurrados ou sustentados
É o prazer escancarado, em resposta
a todos os broxas, brutos e apressados
Liberta as fantasias mais secretas
Enquanto explora o meio das pernas
Num impulso instintivo, soberano
Momento eu me amo
Hora de desbravar um imenso
Repertório, de dar inveja às
Meninas da Major Sertório
E fazer a homenagem da vez
A alguém que de fato conheceu
Ou a um improvável Romeu
Dá para comer o Chico, o
Caetano, o Antonio Bandeiras
Todos na mesma esteira
E ainda a Gisele e a Madona
Quando o desejo vem à tona
Dá para pegar todo mundo junto
Dá para comer até defunto
O limite é a imaginação
Quando os dedos entram
Em ação e nunca é preciso
Pedir: por favor, não pare não

Diogo Luiz Yamanishi | Poeta, mora em São Paulo desde 1992. Não concluiu a graduação em Letras. Trabalha com produção de cadernos & livros artesanais. Seu primeiro livro de poesia *nenhum reino* foi lançado em 2017 pela Editora Vindouros.

dentro do armário

Todos os pais ao redor do mundo
vêm contando um punhado de mentiras
para seus filhinhos assustados
monstro nenhum mora dentro do armário
nenhum palhaço de maquiagem
nenhuma mulher barbada
garantem
sem saber ler o medo dos olhos
a verdade — você me ensinou —
é fértil na cabeça das crianças
é lona na palavra dos adultos
seu beijo de boa-noite me cercou
feito os muros de um hospício
papai
eu tive um sonho:
sonhei que era eu mesmo
saindo do seu armário no meio da noite
para te pregar uma charada
um desfile uma parada —
através do meu medo específico
você retorna a sua infância
para descobrir assustadíssimo:
existem sim monstros dentro do armário!
e
na verdade
sempre fui eu
acordado
a te manter
acordado:
o meu armário
o seu armário:

nossos monstrinhos conceituais —
eu sinto muito se isso te embaraça
mas olhe para mim a minha gastura
enorme é a distância da porta que se abre
da mentira pra verdade: enorme
e maravilhosa:
agora é hora de passear
com certas palavras sob o sol

Carlos Eduardo Marcos Bonfá | Pós-doutorando em Estudos Literários na Unesp e colaborador efetivo da Mallarmargens.

o bode divino

O bode divino
Em estado de dor e aleluia
Estertora, convulso,
Ora na confusão
De procurar no corpo
Todos os seus pênis
E vaginas.
Seus ouvidos afeitos
Aos salmos, aos cantos
E às recitações aforísticas
Já não distinguem
Entre o que entoa
A vagina da testa
E os seis ânus
Do abdômen.
Excitado com a confusão,
Com a dor e com a luz,
Os pênis da cabeça
Imitam a coroa de espinhos.
O bode divino
Bale o bafio da besta
Com saudades
Do corpo de Deus.

Renata de Castro | Carioca, mas tem vivido a maior parte de sua vida em Aracaju-SE. Professora, atua nos ensinos superior e básico. Teve textos publicados pela Revista Crioula, da USP, em 2011, pela Revista Barbante, em 2017, fez parte da *Antologia Poética Senhoras Obscenas*, em 2016, e lançou recentemente seu primeiro livro de poemas, *O terceiro quarto*, pela Editora Benfazeja.

atávica flor

Úmida
Dedos carregados de estranho pó
friccionam toda a vulva

No espelho vejo
tenho um membro, então
Um talo pende
onde antes foi monte
É uma extensa haste
na extremidade, vê-se uma flor

No espelho testo
se aquilo nasceu mesmo de mim
E o levanto em imperiosa exibição
E o relaxo após esforço
Frouxo

É uma flor carmim
de muitas pétalas
Mas não é uma rosa

No espelho percebo
que a flor de longo caule
É mesmo minha carne

Sou eu
Brotou um falo em mim
Enquanto eu me plantava diante do espelho.

Leandro Rodrigues | Nasceu em 1976 em Osasco-SP, onde reside. Formado em Letras, tem pós-graduação em Literatura Contemporânea. É professor de literatura e poeta. Lançou em 2016 o seu primeiro livro de poesia, *Aprendizagem Cinza*, pela Editora Patuá. Em 2017, participou do jornal de literatura O Casulo n. 11 e n. 12 e do livro *Hiperconexões — realidade expandida, volume 3*. É autor do blog Náusea Concreta e um dos autores da Revista Zona da Palavra. Possui poemas em diversos sites, revistas literárias e jornais.

o cu

O cheiro do mundo
O cu de tudo

O cu exposto na galeria chama a atenção

Eles discursam pela moral, pelos bons costumes,
pela família, marcham em nome da religião,
do medo, censuram.

Mas saibam, senhores:

Esse país tem cu.

Esse país tem cu, cloaca, cateba, epitá, rabo, buraco do tatu,
engolidor de cobra, fiofó, fuleco, seu abertin, olho de porco, botão,
toba, brioco, culito, anel-de-honra, oritimbó, rosca, cagador, furingo,
cuprum, tuim, borga, roela, loló, cofrinho, escorrego de pica, sifronezio,
zé de obrar, fuêro, anel de couro, frinfa, zuaque...

conto

①

Pedro Augusto Peregrino | Nasceu em 1989, é paulistano exilado no ABC. Contista e romancista, explora os relevos da prosa porque não sabe ser poeta. Publicou, sob outro nome, *Letra de Mão* (Editora Giostri, 2017), *Ephemeroptera* (Editora Penalux, 2017) e está on-line no tumblr Peregrino de Mim. Outras coisas e nada mais.

maganda

Para Gabriel Coltelli, por suas venturas.

E brilhamos.

C. F. Abreu

Na quarta de trevas, em ressaca e chá, não era para ter lido o jornal. O chão treme na Ásia e a gente samba aqui.

Molha meu dente na sua língua vem, bebezinho. Logo chamei, chegou. O corpo dele vinha em pulinhos descompassados com a marcha. Tirei um pouco da purpurina na boca, fechei um laço na cintura e beijei. Toda a gente pulava, esbarrava nas costas, festejava.

Era feriado nacional. São Paulo nunca foi tão linda: o esmero das ruas empovava de lantejoula, suor e sal. A gente brincou sem medo. Só tomou cuidado com carteira e celular. A multidão fanfarrava: *Ô, bicha, vem cá sua louca/ Amor contigo só se for sem roupa*. A mão dele lisa, sem calo.

E aí, de onde você é? De Manila. Trabalhando no Brasil. Era um português muito mais difícil, mas eu saquei. Não estava importando, dois dias depois e já era. Virei o boné para trás, trouxe ele de novo. A gente cresceu, quero dizer, ele e eu. O bloco não levaria mais a nada, antevi. Eu queria fechar ali aquela noite. O que tinha pelo centro? Qualquer um transa pelos becos, arruma um fundo para gozar. Sexo e carnaval: tudo sem erro. Vamos subir? Quero te conhecer melhor. Aceitou fácil, tão inocente. Parecia menino. Sorria apertando os olhos.

Subimos até o quarto, o prédio era antigo, da janela se ouvia o fim do bloco. Tirei a fantasia molhada, estendi sobre uma cadeira, esperava ele deitado. Surgiu do banheiro de cueca, forçava uma risada. Puxei sobre mim direto, arregacei sobre ele um falo que consumiu mudo. Respeitou minhas ordens, gemia querendo mais e sem cuidar do que lhe acometeria depois. Tão logo pareceu inerte. Olhava o teto como quem procurando outra geração, algum significado importante para aquela fervilhação toda. Eu fumava na janela de peito nu, cabelos molhados sentindo o movimento da alegria que passou.

Pra onde você vai agora? Precisava de casa. Estou também cansado. Gostei muito de você, disse devagar. Entendi que havia ali um fim, então fomos pro banho, dei uns carinhos a mais, vesti a roupa. Sumi.

Terça-feira, já mais tarde, a gente pulava perto do Anhangabaú, ninguém sabia do ontem, do hoje, do nada. A mão dele chegou ao meu ombro. E aí, como é que passou? Ele não dançava, olhava sério, não mostrava a que veio. De repente percebi que vestia preto, parecia limpo, que nem devia estar ali. Está tudo bem? Como me achou? Não respondia, olhava fundo. Guardava um silêncio impossível. Uma cara vazia. O que havia? Era carnaval, porra. Fez sinal com a mão, me chamou. Induziu até uma rua mais tranquila com menos lixo, sem confete.

O pai morreu nas Filipinas ontem, contou sério, não sei se queria chorar. Olhei com calma, quase ri de nervoso, evitei. Perdi o que dizer. Estive triste, estive feliz, não sei, mas fui. Onde ficam as Filipinas? Algo perto do Japão, da China? Não sei, meu corpo ainda dançava. Oceano Índigo? Que água dá lá? A vodca me girava, o calor queria fugir. E o que você vai fazer, só pude tentar. Fez um não com a cabeça, cruzou os braços, encostou-se à porta da loja. Previ um choro, algum pranto. O que é um luto antes da quarta de cinzas? Eu não sei. Não tinha dinheiro para o avião. Foi ontem enquanto estava comigo. Abafei a voz por um soluço. O estômago virou, eu já andava um tanto bêbado, perdi a música do bloco, perdi a brisa da maconha, perdi a gente. Onde é que tô? Vomitei nos pés dele. Quis morrer. Desculpa, desculpa. Pôs a mão nas minhas costas, queria me olhar. Você está bem? Sim, sim, eu estou. É que misturei bebidas, mas já tô melhor. Assim segurou meu rosto, beijou de novo, não ligou pro ácido da boca, pro cheiro do pai morto e do mijo da cidade. Achei bonito: tinha desejo e dor. Quis mais, ele parou. Até que chorou, gritou, bateu as mãos no ferro. Tive medo, o puxei de novo. Abracei. A gente rolou até um beco, tirou a roupa, chupou, mordeu e gozou. Só olhei e disse:

— Eu sinto muito, mas isso tudo vai passar.

Agradeceu, abraçou e partiu chorando. Tornou o rosto mais adiante, gritou um “bonito” em sua língua que de primeira eu não entendi.

Voltei pro bloco, pro Brasil, pra vida. Manhã depois peguei a folha da notícia com os fatos do terremoto, dobrei e coloquei por cima uma vela. Em uma fita escrevi o elogio ganhado naquele fim de folia, arrematei em um laço, coloquei tudo sobre a sacada e deixei queimar sobre uma toalha bonita o dia todo. Quarta-feira de cinzas. Aos filipinos, com amor.

Ithalo Furtado | Escritor e compositor.
Autor dos livros *Uma pedra em cada por enquanto*, 2014, *Dolores (e os remédios pra dormir)*, 2016, e *Móveis empoeirados no peito*, 2017, sendo os dois últimos experiências transmídias em que a literatura se une à música, ao cinema e à fotografia para ampliar as sensações das histórias.

plenitude

há sempre uma noite feliz na geladeira; vez em quando vou lá e pego uma; e esta, especialmente esta, me trouxe plenitude; e uma noite plena é sem juízes; onde eu não preciso curar solidão com artifícios; apenas ser e isso dói como os calos que ficam no peito após teus embarques; lá fora, cínicos publicam obras de autoajuda e criam exércitos com uma intensa linha de produção; eu também sou parte de um banquete preparado com os restos do jantar de poucos, mas, vá lá, eu obtive a premiada compreensão do mundo; a de que preciso entender da gastronomia do pensamento; então, ergui feiras na alma, supermercados no peito; segundo a segundo, encho o carrinho de infinito e me armo de uma sabedoria punk que criei a partir de muita observação; claro que, vá lá, sou uma professora aposentada de filosofia, eu já li coisa pra caramba; mas o que eu queria mesmo era ter levado nietzsche pela mão quando; foi abandonado pelos companheiros de fuga; o que eu queria era foder com camus em algum motel barato da argélia; mas ainda tenho essa noite que me inunda da mais bela incompletude e a luz forte da tv, único farol do apartamento desimportante; a vidraça, lisa e paciente, se faz labirinto de habilidosos pingos de chuva; trovões não me assustam; silêncios são terríveis; por isso escolhi fellini como companhia; cigarro no cinzeiro; úisque na mão esquerda; o rímel borrado por prantos perdidos é um nascedouro de lágrimas negras e eu me sinto; entregue, completamente entregue, ao sofá que abraça minha nudez; já fui a inválida que passava horas tendo crises com as rugas dos olhos e as peles que sobram no braço; os peitos enormes, que chegam ao umbigo, derrubados pela cólera dos anos; antes robustos, agora flácidos, ainda que carnudos; dos motivos que não encaro o sol há meses; como o lado de fora encararia uma velha que fuma, bebe e fode com força com as picas mais jovens do catálogo premium? como o mundo enxergaria uma velha que goza e se masturba ao telefone enquanto aumenta o limite do cartão? eu sou uma velha; uma velha sozinha e sem culpa; talvez isso incomode; talvez, só talvez; há muito não faço parte de hierarquias; não tenho a quem reportar satisfação; parentes me são como o céu é para os porcos; não tenho deus nem me acho centro de poder algum; não louvo a penitência, tampouco a compaixão; tenho apenas esta noite feliz e amanhã vou acordar pra enfrentar a vida e seus absurdos; enfio um vibrador no cu e gemo forte a cada impulso; enquanto; encaro a escuridão que pulsa no mundo;

Jerome Knoxville | Antipoeta e editor do gueto.

criança viada

O coioote está numa ponte e se prepara para fazer *bungee jumping*. Lá embaixo, sementes de pássaro no meio da estrada e uma placa que diz: “sementes de pássaro”. O Papa-Léguas vem em alta velocidade pela estrada e para. Observa as sementes e começa a comê-las. O coioote salta da ponte e... a corda elástica que o segura não é comprida o suficiente para ele pegar o Papa-Léguas, que olha para cima e mostra a língua para ele. A corda puxa o coioote de volta. Coioote e corda começam a rodopiar a ponte, e cada vez que o coioote se aproxima da estrada ele tenta pegar o Papa-Léguas, até que um caminhão transportando gasolina acerta-o em cheio. Explodem caminhão e coioote. O desenho animado é interrompido e entram os comerciais.

Nenhum dos quatro garotos na sala presta atenção na tevê. Cada qual tem uma revista com fotografias de mulheres peladas diante de si. A ideia para a masturbação grupal fora de Ricardo, que se controlou para não demonstrar entusiasmo demais. Os outros três foram na onda. Roberto e Eduardo, principalmente. Já Pedro se recusou logo de cara, mas ao perceber que os amigos fariam aquilo de qualquer jeito, decidiu participar.

Ricardo não olha para a revista à sua frente. Observa de forma discreta os colegas. Roberto está à sua direita. Eles têm os mesmos doze anos e, como acabara de confirmar Ricardo, o mesmo cacetinho de menino de doze anos. Roberto olha fixamente para a revista à sua frente e vem à cabeça de Ricardo que há apenas dois meses ele tivera pela primeira vez a experiência do gozo. Os colegas já vinham falando de suas punhetas e ele se decidira, foram essas as suas palavras, ir até o fim com aquilo. Entrou no banheiro de casa, sentou na pia de mármore e começou a se masturbar. Chegou até o momento em que, das vezes anteriores, desistira, e foi adiante. Seria um caminho sem volta, lembrou-se de ter pensado na hora. Então, depois de um tempo que não saberia dizer agora se fora curto ou longo, gozou. Tinha porra no piso do banheiro, na pia e em suas mãos. Era quente, percebeu. Estava zozzo. Pulou da pia e descobriu as pernas fracas quando elas alcançaram o chão. Levou um tempo para limpar tudo. Depois foi para o quarto e se deitou. Sentia que grande parte da energia do seu corpo havia sido liberada junto com aquela gosma leitosa e nojenta.

Ricardo é o mais alto e magro dos quatro, embora não seja o mais velho. Pedro tem treze e Eduardo onze. Eduardo está à sua frente e seu cacetinho é ainda menos imponente do que o de Ricardo e o de Roberto. Já Pedro, à sua esquerda, procura a

todo custo esconder o seu pênis com a revista. Parece envergonhado. Ricardo tenta olhar por cima da publicação, mas não consegue. Ávido para ver o caralho do amigo, depois de um tempo ele não resiste e provoca:

— Está escondendo por que, Pedro? Ninguém aqui está escondendo.

Ele sabe que o risco de um deles retrucar acusando-o de querer ver a piroca do outro é grande, mas já não aguentava aquilo, e, depois, acreditava ser mesmo uma sacanagem todos estarem com seus cacetes à mostra menos Pedro.

Provocação e risco funcionam. Ninguém responde e Pedro abaixa a revista. Um caralho enorme aparece diante de Ricardo, que imediatamente sente a sua boca se encher de saliva. No momento não percebe que os dois acontecimentos estão ligados e que nada mais no mundo é mais importante do que olhar para aquele pau comprido e grosso nas mãos de Pedro. São mãos pequenas e ainda infantis segurando aquele caralho impressionante. Ricardo goza tão rápido que não tem tempo de colocar o pedaço de papel higiênico que segurava na frente. Suja a revista. Eduardo, dono de todas as revistas, anfitrião dos amigos naquela tarde abafada de férias de verão, vê e protesta. Roberto também goza, mas usa seu pedaço de papel para se limpar. Eduardo diz que jogará a revista lambuzada de esperma do Ricardo no lixo e continua sua punheta, agora com pressa para terminar. Não demora e goza. Falta Pedro, mas Pedro guarda sua piroca dentro da bermuda e fecha a revista.

O desenho volta na tevê. O coioote ainda está preso na corda elástica e sobe na traseira de outro caminhão. O Papa-Léguas corre na estrada. Atrás dele vem o caminhão com o coioote. A corda começa a ser esticada. A estrada é cheia de curvas sobre um canyon. A corda estica, estica, até que o Papa-Léguas para em frente a uma placa de pare vermelha no cruzamento da estrada com uma linha de trem. O caminhão passa por ele e o coioote salta para pegá-lo. Mas a corda está esticada demais e ele não alcança o Papa-Léguas, que novamente mostra a língua para ele. Então o coioote faz todo o percurso de volta, levado pela corda, e desaparece dentro de um túnel, para logo, de dentro desse túnel, aparecer outro caminhão, com o coioote amassado na sua dianteira. O caminhão passa e podemos ler na sua parte traseira: *“That’s all folks!”* O desenho acaba.

Todos guardam as revistas e colocam seus pedaços de papel higiênico sujos ou não no lixo. Eduardo pergunta se eles querem jogar videogame ou ver a arma de fogo do seu pai. De forma unânime escolhem ver a arma. Estão sozinhos no apartamento. Ricardo, Pedro e Roberto seguem Eduardo até o quarto dos seus pais. Eduardo abre

um armário, depois uma gaveta, remexe lá dentro e aparece com uma pistola preta na mão. Ricardo pede para segurá-la. Roberto diz que não é uma boa ideia e que deveriam ir jogar videogame imediatamente. Pedro fica calado. Ricardo insiste e pega a arma da mão de Eduardo. Sente um arrepio na espinha, uma espécie de choque elétrico perpassando seu corpo, ao segurar a pistola. Seus olhos brilham. Eduardo pega a arma de volta e guarda. Vão todos para a sala jogar videogame.

Ricardo espera a sua vez de jogar. Pensa na pistola. Depois pensa na piroca enorme do amigo. Olha para Pedro. Descobre que a sua boca se enche de saliva outra vez. Por quê? Ele se pergunta. Vem a imagem daquele caralho dentro da sua boca. Fica de pau duro. Diz para os amigos que vai ao banheiro. Ricardo se tranca no banheiro e bate uma punheta pensando em armas de fogo e cacetes grandes como o de Pedro.

Eduardo e Roberto jogam uma partida de futebol no videogame e Pedro assiste. Pedro comenta com os dois que acha Ricardo estranho. Ele é calado e muito branco, diz. Devia pegar um sol. Parece um vampiro. Roberto pergunta para Pedro o que tem a ver Ricardo ser muito branco e parecer um vampiro com o fato de ser calado. Eduardo faz um gol e comemora. Roberto lamenta. E Pedro responde que o Ricardo inteiro é estranho e que não sabe dizer ao certo, além disso — diz — semana passada, no recreio, a gente brincava de espião e ele prendeu o Viegas e o obrigou a olhar direto pro sol, pra que entregasse a senha deles, ameaçou queimar o olho com uma lupa, chegou a tirá-la do bolso, aí o Viegas ficou com medo e entregou a senha pra gente. Roberto e Eduardo olham ao mesmo tempo para Pedro, antes do reinício da partida. Pedro está muito sério e logo volta a falar. Ele acha que não deviam mais convidar Ricardo para passar as tardes com eles. Pedro não diz que percebeu Ricardo olhando de um jeito esquisito para o seu pênis quando se masturbava e que aquilo o deixou bastante incomodado, a ponto de desistir de continuar batendo sua punheta, e que por isso não queria mais ser amigo de Ricardo.

Ricardo volta do banheiro. Não escutou o que Pedro dissera. Também não pressente que mais coisas em seu mundo estão prestes a mudar. Pedro está feliz. Não olha para Ricardo, mas não é porque se sente culpado de ter cortado o laço de amizade entre eles e ainda ter incluído Eduardo e Roberto em sua trama. Pedro não se sente nem um pouco culpado. Pedro está feliz porque sabe que da próxima vez não convidarão Ricardo para passar a tarde com eles. Eduardo faz outro gol e comemora. A partida termina. Roberto lamenta a derrota e passa a vez para o próximo.

Claudio Parreira | Escritor. Foi colaborador da Revista Bundas, do jornal O Pasquim 21, entre outras publicações. É autor do romance *Gabriel* e também da coletânea de contos *Delirium*. Vai lançar, em breve, o romance sem noção *A Lua é um Grande Queijo Suspenso no Céu*, pela Editora Penalux.

a torre

No meio da caatinga ele viu a torre.
Nada mais havia na caatinga além da torre.
A não ser uma bela rapariga de longos cabelos cor de cobre no alto da torre.

Ele pediu pra linda rapariga jogar seus longos cabelos. Pra ele subir. E ela jogou.
Lá em cima, ele percebeu que os longos cabelos cor de cobre da linda rapariga eram peruca.

E que os seus peitos eram de silicone.
E que tinham os dois a mesma coisa entre as pernas.
— Mas que diacho é você? — ele perguntou.
— Sou o seu sonho mais louco — respondeu a rapariga.
E eles então, como é natural, viveram felizes para sempre.

Dimitri Brandi de Abreu | 40 anos, escritor, músico, advogado, palmeirense não-praticante, compositor e outras coisas. Nasceu em Belo Horizonte, mas vive em São Paulo desde que se entende por gente. Vocalista e guitarrista da banda de death metal *Psychotic Eyes* e da banda *Overground – Siouxsie and the Banshees Cover*. Escreve muito mas publica pouco.

juliana

— **E**stou curioso. Como você me achou?
— Pelos olhos.

— Sério? São a única parte que não mudou.

- Não é verdade. O sorriso continua igual.

— Ainda se lembra dos meus olhos depois de tanto tempo? Faz tanto tempo que eu não te vejo.

— Reconheci numa foto. Vinte anos te procurando.

— Mentira!

— Você foi o meu maior amor... Não houve um único dia nestes vinte anos em que eu não pensei em você.

— Eu não podia imaginar.

— Que bom ouvir isso! Alivia... Tive muito medo, imaginando que você fugia de mim. Te procurei a cada relacionamento que fracassava porque não conseguia amar de novo, como tinha sido contigo. Era desesperador... Mesmo que jamais tivéssemos ficado juntos, sequer nos beijamos. Não sei como conseguia conviver com essa frustração. Liguei inúmeras vezes para nossos amigos em comum. Ninguém me contava do seu paradeiro. Alguns claramente desconversavam. Hoje eu sei por quê. Te procurei na lista telefônica, na internet, e nunca te achei. Tive certeza de que você estava fugindo de mim.

— Eu estava fugindo era de mim mesmo. Quando estudávamos juntos eu ainda não sabia. Mentira! Sabia sim! Mas não tinha coragem de assumir nem pra mim mesmo.

— Nunca desconfiei.

— Eu sei. Ninguém podia imaginar. Eu não dava nenhum indício. Era difícil.

— É muito estranho te ver assim. Sua barba, sua voz. Se agora não soubesse que é você, acharia que era um irmão. Não me lembro se você tem irmãos.

— Tenho um, mais velho. Usei as roupas dele.

— Nunca esqueci dos seus olhos, do seu sorriso, nem do dia do seu aniversário. Te mandava parabéns mentalmente. Uma vez comprei um presente. Um disco do Belchior, que você gostava. Um outro que sumiu no mundo.

— Obrigado. Quero.

— Eu era fascinado por você. Nunca esqueci o primeiro dia em que te vi. A primeira vez em que nos falamos. Aquele dia em que fiz uma piada com o perfume que eu usava e sua amiga nos olhou, como se soubesse de alguma vontade secreta que não poderia revelar. Lembra?

— Eu fiquei vermelha! Ela me constrangeu. Eu também gostava de você. Por que nunca se declarou?

— Medo? Insegurança? Coisa de adolescente. Você era demais pra mim! Era a mulher da minha vida. Não suportaria levar um fora, ouvir um não. Jamais de você.

— É muito estranho ver que a mulher da sua vida hoje é um homem?

- Sim! Muito estranho. Quando eu soube quase fiquei doido, ou achei que já estava. Olhava sua foto e tinha certeza. Não queria acreditar. Jamais imaginei.

— Ninguém. Nem minha mãe. Só eu, que sempre soube. Demorei a assumir. Até para mim. Sabia mas não assumia.

— Na hora achei engraçado. Lembrei que às vezes eu te imaginava gorda, cheia de filhos, com um marido insuportável que te tratava mal, que não te merecia. Em outras imaginava que tinha fugido do país, virado uma atleta renomada ou uma pesquisadora bem-sucedida numa universidade estrangeira. Mudado de nome porque tinha testemunhado algum crime, sofrido alguma violência... Sei lá. Virado muçulmana... Fantasias e devaneios, contigo e sobre o seu sumiço...

— A realidade foi pior e não teve nada de engraçado.

— Hoje entendo porque nunca achei uma dentista com o seu nome, apesar de ter procurado tanto.

— Mudei de nome ainda na faculdade. Me matriculei Juliana, me formei José Luiz.

— Lindo nome! José Luiz. Combina. Você continua bonita... Uma pessoa bonita.

— Não precisa ser gentil. Eu odiava ser uma mulher bonita. Aquilo me parecia outro fracasso, mais um drama que eu era obrigado a carregar. Não suportava ser mulher. E ainda era atraente e feminina. Nunca consegui ser masculina, só depois que decidi.

— Não imagino o tanto que você sofreu. O preconceito.

— O preconceito não machuca. Eu já sabia o que esperar. Sabia que perderia amigos e família... O que mais assusta é a incerteza! A vontade de estar louco. O medo de aquilo ser só uma insanidade passageira. Mas, ao mesmo tempo em que temia ser

um devaneio ou uma ilusão, queria muito que fosse só isso. Desejava ser homem, mas desejava, ainda mais, deixar de desejar. Não queria... Meu sonho era: acordar um dia, aceitando que era mulher, sem a vontade de mudar, feliz com o meu corpo. Sem aquela maldita certeza de ser homem... Meu maior medo era minha própria cabeça. O segundo era o espelho.

— Você era uma mulher tão linda! Nunca mais encontrei quem me encantasse. Seus cabelos, seus seios, seu jeito de andar. Sua voz. Me apaixonei na primeira vez em que te vi. Você era muito bonita! Eu era apaixonado por você.

— Isso me machuca! Não fale assim! Nunca me senti mulher, não tenho orgulho nenhum de ter sido bonita... Suas palavras me ofendem, não são elogios. Não do jeito que você pensa.

— Desculpe... Eu estou tentando te entender. Também é difícil pra mim. Sonhei a vida inteira em te encontrar, em me declarar para você... Nunca imaginei que você tinha virado um homem! É difícil, parece absurdo, como num sonho maluco. Num pesadelo, em que não consigo acordar.

— Pode ser. Acho que entendo... Poucos sabem lidar com isso. Não tenho mais amigos que me conheceram antes, todo mundo se afastou. Meu irmão não fala comigo. Minha mãe demorou anos para parar de me chamar de filha.

— E seu pai?

— Morreu Ainda bem! Quando comecei a transformação ele já estava doente. Nunca me aceitou. Ninguém entendia o que eu passava... Por isso é uma tremenda bobagem esse seu amor por mim. Você nunca me conheceu de verdade.

— Não fale assim!

— Não seja criança! Você sabe que isso é uma ilusão. Você se apaixonou por uma ideia de alguém que não existe... Já não existia naquela época, imagine hoje.

— Pode ser, mas eu nunca consegui ser feliz com ninguém! Todas me lembravam de você, do amor que eu sentia e sinto, de como teria sido contigo... Nunca consegui te esquecer. Você pode achar tolo, pode achar que é uma idealização, pode achar o que quiser. Mas eu te amei! Ainda amo... E você diz que também gostava de mim?

— Sim, eu era apaixonada por você. Você foi o único homem que amei na vida... O único que me amou, também.

— Eu quero ficar contigo. Não me importo com seu nome, se Juliana ou José Luiz! Eu te amo. Te amei a vida toda. Pode me chamar de criança; tenho o direito de resgatar o que houve de mais belo na minha adolescência. A frustração de nunca ter sido seu foi o motor da minha vida. Preciso tentar. Sempre sonhei com o momento em que iria finalmente te beijar. Só não imaginei que haveria uma barba.

— Você é gay?

— Não, sempre me relacionei com mulheres.

— Eu também. Se ficarmos juntos, seremos dois homens gays.

— Foda-se.

— Gostei!

— É muito estranho, depois de tudo isso o que você passou?

— Não. Não é nada.

— É mais estranho entrar num relacionamento homossexual para ficar com a mulher da sua vida. Que agora é um homem.

— Acho que estamos na mesma situação. Vamos descobrir juntos?

— Vamos.

Marcos Samuel Costa | Natural de Ponta de Pedras — Ilha de Marajó, Amazônia brasileira. Atualmente cursa Serviço Social na UFPA e mora em Belém do Pará. Vive perdido no caos da cidade grande e entre livros de poesia. É membro correspondente da Academia de Letras do Sul e Sudeste Paraense e da ASPEELPP-DJ. Autor de diversos livros, entre eles *Sentimentos de um século 21* (Multifoco Editora, 2014) e *Lugar algum* (eBook 2017, Amazona). Está no prelo *Não me envolva no seu rolo* (Livro Mínimo). Faz parte da equipe editorial do Jornal Crescendo, em que assina a página de crônicas infantis. Mantém o blog Someplace.

e ainda não sei dizer “te amo”

O que faz de mim essa cansada ave? Teus olhos pesam durante o escuro da noite, mas é no clarear do dia que tudo torna-se mais fugaz. Todos os acordos da garganta do pássaro acordam. Serenata ao vento no cabelo. Abro teus olhos também, lobos que cruzam a Avenida José Bonifácio essa manhã querem comer. Encaminhados ao matadouro municipal — a existência também é prova da mortalidade. Teu nome. Nome. Subiremos aos céus — a glória do amor. Tua roupa azul, o azul em tudo, e por ti. Assim também eram as noites de Sodoma e Gomorra. Pecadores de azul infinito. Ostentação de orgasmo. Teus passos lentos nos dias de chuva, teus pés frios na minha barriga. Tua fome soletrando letras gregas ao sol de maio. Loucura. Avistei-te antes que o outro galo chocasse à tarde outra, na espora há fantasias. Como de tua roupa azul no carnaval de 2004. Entre a multidão dos desacordados acordei para teus olhos de cadeia. Candeia. Carne de ave cansada. Nos meus braços deitas à noite. Em teus olhos entro quando é escuro. Tudo se finda. E ainda não sei dizer “te amo”.

Um dia mal amanhecido, ainda esfregava os olhos e limpava os sinais do gozo da noite passada, havia gala seca em minha barriga, manchas rochas por todo o corpo. Quando te despi perdi também a noção do medo. Pedro, teu pau grosso e negro na minha boca parecia acordar os cantos vivos em mim, levantei da cama e fui fazer um nescal para nós, queria te abraçar por noites infinitas, coloquei uma música, a voz de Elis Regina seguida por Linik rasgava minha pele, enlouqueci rapidamente, mas ao te olhar nu sobre a cama voltei a mim, às oito horas da manhã meu pai chegaria do trabalho, tinha que te por para a rua logo, mas coragem faltava, queria continuar com aquela visão. A noite passada quando tu chegaste, meu pau na cueca tornou-se um ferro vivo, tua boca molhou a minha. A sede. Outra fonte.

Papai chegou outra vez cansado, a casa já estava organizada, falou comigo apenas como o olhar, servi-lhe café, o pão já na mesa. Sempre vi nele um olhar vasto, creio que até hoje ele acha que vai encontrar a mamãe em algum lugar. Ele ajudava meu sofrimento aumentar, eu ajudava o sofrimento dele aumenta. Nós dois estávamos perdidos. Ela partiu de uma forma horrível. Partiu com o desejo de me ver com uma mulher e filhos a criar, um casamento para toda a vizinhança ver. Se foi, mas deixou plantado em toda aquela casa seu sonho. Papai aos poucos foi reparando

o brilho nos meus olhos ao ver os garotos na rua, de como eu adorava a presença de Pedro em todos os lugares, perguntava para mim, “ei, tu não joga bola não?”, sabia que minhas pernas não nasceram para correr atrás de bola, elas já eram depiladas e minhas unhas pintadas de base. Pedro era meu amor, papai sabia disso, não falamos, sabia que eu dava meu cu a ele, papai sabia de tantas coisas, acho que por isso me tomou a vida, chegou em casa numa tarde chuvosa com uma arma na mão, alegou que os amigos já sabiam de meus maus hábitos, de minha andança com o Pedro, gritou bem alto: “Tu anda dando o cu é caralho?”. Ele soube muito bem como tirar minha vida, perdi todas as rosas dos meus olhos, ele encheu um saco de farinha com minhas roupas e me colocou para fora, uma chuva forte, um pai que eu desconhecia, seguia a rua, levei vários dias andando. Quando já estava próximo a Bujaru Pedro me alcançou, correu a mim e me beijou a boca, disse, “Deverias ter me chamado”, já chorando comigo dizia sem parar que me amava. A fome também era física, abriu um saco com lanche, comigo sem parar, eu fedia que nem um cachorro de rua. Ficamos sem saber o que fazer, pegamos um ônibus e voltamos à região metropolitana, já chegando a Ananindeua uma mão cálida tocou no meu obro quando o ônibus parou para o embarque de novos passageiros, era o papai, ficamos nós três em silêncio, sentou-se e juntos continuamos a viagem. Em São Brás, quando descemos, ele disse, “Pedro, venha morar conosco”. Nesse mesmo dia saíra o resultado do vestibular, nós dois aprovados. Papai soube novamente a me dar vida, teve orgulho de mostrar a todos da vila que seu filho viado agora era universitário, que seria alguém e eu gritei bem alto, “te amo pai, te amo Pedro, vocês são os homens da minha vida”.

Geraldo Lima | Escritor, dramaturgo e roteirista. Tem diversas obras publicadas, entre elas, seu mais recente livro de contos *Uma mulher à beira do caminho* (Editora Patuá, 2017).

cena da peça error

Encenada em 1987, em Brasília, pela Oficina do Teatro de Periferia.

(Corte rápido. (...) Luz sobre Khourror, Flix e Urb'us Urbis.)

KHOURROR

(Mostrando o pedaço de carne enrolado num jornal)

Olha que maravilha, ainda tá fresquinha... Tirei do corpo de uma senhora muito elegante. Sintam o cheiro... É perfume francês.

FLIX

(Recuando enojado)

Ah, não seja nojento, Khourror! Você está cada vez pior. Não acredito que chegamos a esse estágio. Acho que vou vomitar. *(Corre até o fundo do palco.)*

KHOURROR

O seu sentimentalismo é que me dá nojo, Flix! Qualquer dia desses faço você comer bosta, até educar esse seu estômago pra vida... Temos que estar preparados pra tudo. A vida é uma guerra, e a guerra é para espíritos fortes. O que você acha, Urb'us Urbis?

URB'US URBIS

Nada, é só mais uma das suas frases de efeito, que com certeza não é da sua autoria.

KHOURROR

A sua inveja me causa piedade.

URB'US URBIS

E a sua arrogância chega a ser cômica. Você pensa que pode fazer tudo. O grande, o onipotente Khourror!

KHOURROR

(Enquanto corta a carne sobre a mesa)

A grandeza de um homem não está no tamanho do seu corpo, mas, sim, na sua generosidade, na sua capacidade de perdoar. *(Com uma cortesia desajeitada.)* Estão todos convidados para o mais nobre banquete, cavalheiros...

URB'US URBIS

Por que você não convida os urubus?

KHOURROR

Mas estou convidando, Urb'us. *(Pronuncia como se dissesse "uru'bus".)*

FLIX

Estou fora disso, cara. Isso é degradação, comer carne humana, ah, não! Sua generosidade é grande, Khourror, mas o meu estômago ainda é civilizado.

(Sai.)

KHOURROR

Vocês são realmente estúpidos! Não nos resta mais nada, nenhum pudor mais, nada, nada! E ainda querem fazer charme, pose de deuses da ética. Idiotas! Que civilização que nada! A necessidade do estômago é que rompe com a tradição do paladar. Ah, vocês não entendem nada disso, são tapados, e é por essas e outras que estou sempre à frente. *Avant...!*

URB'US URBIS

Garde!

KHOURROR

Opa! Até que você não é tão ignorante assim, Urb'us Urbis.

URB'US URBIS

Eu sei...



selo gueto editorial

este projeto digital é destinado a correr livre na rede
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo